

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17111 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO: AS INQUIETAÇÕES DOS(AS) MONITORES(AS)

William Pollnow - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Marlon Antonio Bianchini - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Brasil - Código de Financiamento 001

A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA COMO ESPAÇO DE LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO: AS INQUIETAÇÕES DOS(AS) MONITORES(AS)

RESUMO: Neste resumo, busca-se compreender como as inquietações dos (as) monitores (as) durante sua trajetória de vida, participação em movimentos sociais e experiências na docência contribuíram/contribuem na defesa da educação do campo. O fechamento massivo de escolas do campo e o contexto histórico na região XXXX fazem da atuação dos (as) monitores (as) um compromisso ético-político com a educação do e no campo. Optou-se pela palavra monitor (a), porque é assim que se identificam os professores(as)/educadores(as)/docentes na instituição em questão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e participante, em andamento, com foco na formação dos monitores(as). A análise se dá, metodologicamente, acerca da exploração de dois questionamentos realizados através do *Google Forms*, durante o ano de 2023, e que são parte da pesquisa, os quais buscam conhecer a trajetória formativa desses (as) monitores (as), assim como o tempo de atuação na XXXX. Sendo assim, o resumo parcial dialoga com autores(as) que problematizam a temática pesquisada, bem como com a atuação dos (as) monitores (as), promovendo uma reflexão crítica sobre a educação do campo e sua atuação na Escola Família Agrícola XXXX.

Palavras-chave: Escola no campo. Formação de professores(as). Monitores.

A Escola Família Agrícola XXXX foi inaugurada no dia 10 de março de 2014, fruto de uma comunhão de pessoas, movimentos sociais e instituições públicas e privadas, que começaram no ano de 2010 a perceber a necessidade de uma escola que dialogasse com a vida no campo, pela valorização dos saberes populares, pela agricultura familiar agroecológica e pela educação do e no campo. O êxodo e a falta de sucessão rural também estão na lista de preocupações, e que se somam ao grave índice de fechamento de escolas do campo. Pinheiro (2010, p. 60), destaca que, “a valorização do campo enquanto espaço de vida e de produção cultural é um passo essencial para a construção de uma educação que respeite e integre os saberes e as práticas dos povos do campo”.

As duas EFAs, e o Grupo de Pesquisa XXXXX integram o Observatório XXXXX, que vem se construindo como um importante espaço de pesquisa-ação na luta contra o fechamento das

escolas do campo, afinal, nos últimos 15 anos, fecharam-se 217 escolas do campo, de um total de 403. (XXXXXXX, 2022). A ausência dessas escolas no campo é um grave problema para a região, fazendo com que os (as) jovens, filhos (as) de agricultores (as) familiares busquem a continuidade em seus estudos em escolas localizadas distante de suas comunidades ou mesmo em áreas urbanas. Este deslocamento afeta o vínculo dos (as) jovens com o local onde vivem e além disso, significa uma ruptura de aprendizagem com aquilo que caracteriza o seu cotidiano, a agricultura e a vida no campo. Arroyo (2004, p. 32) reforça a importância da educação do campo, pois “os saberes dos povos do campo são fundamentais para a construção de uma educação que realmente atenda às necessidades e aspirações dessas populações.” Esta pauta motiva o comprometimento de muitos, que através de movimentos sociais lutam pelo não fechamento das escolas do campo e por um ensino contextualizado com a vida dos (as) jovens e também dos (das) monitores (as). Barbosa (2014, p. 4) discorre que essas lutas são um “mosaico de resistências”, ou seja, “múltiplas experiências oriundas dos movimentos sociais camponeses, indígenas, afrodescendentes que forjam, no âmbito de uma resistência política, outra forma de educar-se como sujeito histórico e de avançar na defesa da educação como direito, como princípio e projeto histórico-político de conhecimento”.

Neste contexto, monitores (as) que viveram no campo, seja na infância ou na atuação docente, enfatizam seu comprometimento com os movimentos sociais e a luta pela manutenção dessas instituições, como a XXXX. Essas inquietações, refletem os desafios estruturais e pedagógicos intrínsecos ao seu compromisso com a educação, especialmente do campo. Suas vivências, aliada à sua atuação como monitor (a), geram uma tensão constante entre o desejo de oferecer uma educação de qualidade, contextualizada com a realidade dos (as) estudantes, e as limitações impostas pela rigidez do modelo de ensino tradicional e pelo abandono histórico de políticas públicas voltadas para essas populações. É através de sua prática docente, que esses (as) monitores (as) se dedicam a preservar e fortalecer essas escolas, o que é objeto de investigação neste trabalho. Desta forma, destaca-se a seguinte problemática: Quais experiências vivenciadas pelos (as) monitores (as) os levam a optar por atuar na XXXX? Esse questionamento é um pequeno mosaico da pesquisa em andamento e que tem como objetivo: Compreender como se dá a formação do (a) monitor (a) na/da XXXX, investigando as rupturas e continuidades que se constituem nessa relação de docência-discência por meio da pedagogia da alternância, justificado pela situação vivida na educação do campo na região, conforme descrição anterior. Para isso, entende-se que é relevante conhecer a luta pela educação do campo através das experiências dos (as) monitores (as) que atuam na instituição. Sobre os passos metodológicos, é uma pesquisa participante, qualitativa, ancorada em Minayo (2001) e nos princípios da educação popular freireana. Criteriosamente feito o recorte da pesquisa, definiu-se que a investigação continuaria com os(as) monitores(as) da instituição, seguindo também todos os encaminhamentos éticos. A partir do Consentimento Livre Esclarecido assinado, um questionário através da ferramenta *Google Forms* foi elaborado e disponibilizado para os (as) monitores (as) durante os meses de junho e julho de 2023, com o objetivo de conhecer melhor a trajetória formativa de cada monitor(a), além do tempo de atuação na XXXX, o que permite apresentar os resultados neste trabalho analisando duas questões deste formulário.

Em face ao exposto, ainda que de maneira parcial, uma das análises é que os(as) monitores(as) justificam a luta por uma educação do/no campo, através de inquietações levantadas na experiência durante a educação básica, que deu aos sujeitos o compromisso de reafirmar a importância da educação do e no campo. Conforme Molina (2006, p.89): “o engajamento de atores sociais que no geral tem um vínculo e enraizamento local muito forte, assim como um compromisso ético com as populações e o território onde desenvolvem suas atividades, em redes que transcendem a sua escala de atuação e de poder de influência é um dado novo”.

Desta forma, ao estudar em uma escola do campo estes sujeitos conheceram a sua realidade e ao estarem licenciados(as) para a atuação docente, reafirmam compromisso ético com o seu território e a realidade em que se inseriram pelo trabalho docente. Quanto ao compromisso com o território, pode-se identificar que dos nove monitores(as) participantes, oito tiveram sua trajetória formativa na educação básica, anos iniciais em escolas do campo. No ensino fundamental, anos finais, percebe-se que dois destes migraram para escolas em áreas urbanas. Isso fica ainda mais evidente quando analisamos a questão dissertativa do formulário: como a formação escolarizada e outras experiências (quais) foram importantes para sua formação docente para atuação no ensino médio e técnico? Monitor (a) A: sou filho de agricultores, estudante egresso da XXXX. Me identifiquei pela educação contextualizada que trabalha com os jovens filhos e filhas de agricultores. Neste caso, percebe-se que o (a) monitor (a) em questão é egresso de uma EFA e também filho de agricultores, motivado pela educação contextualizada, ou seja, que faz de sua prática pedagógica o olhar atento para o território, os sujeitos e a vida no campo. Em resposta ao formulário, o monitor (a) B diz que: “a minha atuação em escolas no campo em municípios de Herveiras e Sinimbu, deixavam muitos questionamentos em uma educação direcionada para os/as estudantes do campo. Ao ingressar na XXXX, encontrei uma educação partindo da realidade de filhos/filhas de agricultores familiares”. Já a monitor (a) C reflete que, “desde minha adolescência trabalho com pastorais sociais, em especial a XXXXX, o que me aproxima das questões sociais do campo. Sou filha de agricultores, o que me aproxima das questões relacionadas à produção de alimentos. Na escola sempre tive inquietação por não estudar muitas coisas da minha realidade. Minha busca por ensino superior se aproximou da escola e da sala de aula, por afinidade com tal. Inicialmente trabalhando com Extensão Rural e ensino não formal, posterior à minha entrada na escola.”

É possível perceber nos relatos, que a luta pela educação do campo está entrelaçada com a trajetória de vida dos sujeitos. Isso possibilitou trazer como resultados preliminares, o vínculo com aquela experiência concreta de que ao atuar como monitor (a), foi identificando alguns questionamentos relacionados aos/às estudantes do campo. É também possível perceber, no caso da monitora C, que o fato de não estudar sobre muitas coisas de sua realidade como filha de agricultores lhe gerou inquietação; e, através do olhar crítico sobre sua realidade, questionou a oferta de educação disponível. É com a atuação destes sujeitos, como monitores (as) na XXXX que podemos perceber a importância da luta pela educação do campo, pois as motivações construídas durante a adolescência, ou mesmo já na atuação docente corroboram para que cada um dos pesquisados pudesse inserir-se em uma escola cuja defesa é em prol da

educação do campo. Trata-se de uma defesa e compromisso ético-político pelo direito à uma educação do e no campo, que seja contextualizada com a vida dos sujeitos, essa é a bandeira de luta pela qual os monitores decidem agregar-se ao movimento.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância**. São Paulo: Cortez. 2004.

BARBOSA, Lia Pinheiro. **As dimensões epistêmico-políticas da Educação do Campo em perspectiva latino-americana**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 22, n. 2, p. 143-169, 2014. Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/5105/3768>

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: Questões para reflexão**. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2006.

PINHEIRO, Lia B.. **Movimentos Sociais e Educação do Campo no Brasil: Desafios e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Cortez,2010.